

Internacionalização da pesquisa brasileira em turismo

SÉRGIO RODRIGUES LEAL * [sergio.rleal@ufpe.br]

Resumo | O papel atual das universidades na sociedade é discutido com vista a estabelecer o cenário em que se encontra a pesquisa em turismo. Destaca-se, neste contexto, a importância que é dada à produção científica. Posteriormente, faz-se um debate sobre a internacionalização das universidades brasileiras e são apresentados os desafios e as oportunidades para a internacionalização da pesquisa brasileira em turismo. Segue-se a descrição da metodologia adotada para a realização do estudo empírico e a discussão dos resultados obtidos. Verificou-se que a pesquisa brasileira em turismo ainda é pouco conhecida pelos membros da comunidade acadêmica internacional, especialmente por aqueles que fazem parte do grupo lingüístico dominante. Observou-se, também, que a pesquisa em turismo no Brasil é vista como tendo baixa qualidade por este grupo e pelos acadêmicos estrangeiros de língua portuguesa. Por outro lado, os acadêmicos de língua espanhola possuem, em geral, uma percepção mais positiva sobre a pesquisa e os pesquisadores brasileiros da área. Espera-se que os acadêmicos brasileiros se sintam estimulados por este artigo para buscar a internacionalização da sua produção científica e, eventualmente, da sua carreira.

Palavras-chave | Pesquisa em turismo; Internacionalização; Produção científica.

Abstract | The current role of universities in society is discussed in order to set the scene in which is found the tourism research. The importance attached to scientific production is highlighted in this context. Subsequently, a debate on the internationalization of Brazilian universities is presented and challenges and opportunities for the internationalization of Brazilian research in tourism are discussed. It follows with the description of the methodology adopted for the empirical study and the discussion of the results obtained. It was found that Brazilian tourism research is still little known by members of the international academic community, especially by those who are part of the dominant linguistic group. It was also observed that tourism research in Brazil is seen as having low quality by this group and by the Portuguese-speaking foreign scholars. On the other hand, the Spanish-speaking scholars have, in general, a more positive perception about Brazilian research and researchers in the area. It is expected that Brazilian academics feel encouraged by this article to seek the internationalization of their scientific production and, possibly, of their career.

Keywords | Tourism research; Internationalization; Scientific production.

* **Doutor em Turismo** pela Universidade de Surrey (Reino Unido), **Professor Adjunto** do Departamento de Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco, **Professor Colaborador** do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1. Introdução

A pesquisa brasileira em turismo tem vindo a desenvolver-se de forma significativa nas últimas décadas. Tal crescimento pode ser constatado através do número de livros e de artigos científicos publicados, da realização de debates em eventos académicos, da criação de associações de pesquisadores e de listas de discussão, etc. (Leal, 2011a; Netto e Trigo, 2010). No entanto, uma questão importante para a consolidação da pesquisa brasileira em turismo foi, por muito tempo, negligenciada – a sua internacionalização. Este artigo procura trazer esta questão à tona, estimulando o ingresso dos pesquisadores brasileiros na comunidade académica internacional. Para tal, foi desenvolvido um estudo empírico sobre as percepções dos membros da academia internacional sobre a pesquisa em turismo no Brasil.

O objetivo geral do estudo foi o de verificar se a pesquisa brasileira em turismo é conhecida da comunidade académica internacional. Da mesma forma, procurou-se identificar os temas e os pesquisadores brasileiros mais destacados, recorrendo a membros da comunidade académica de diversos países. Para que estes objetivos fossem alcançados, um questionário foi desenvolvido e disponibilizado em formato eletrónico, através da internet. A análise dos dados foi realizada por meio de procedimentos estatísticos descritivos, tais como a média e a frequência. Pesquisadores internacionais de turismo constituíram o universo a pesquisar. Chegou-se até eles através de listas de discussão *online* e da estratégia de “snowball” (Handcock e Gile, 2011), no qual um pesquisador que responde ao questionário indica outros seus colegas para participarem.

O artigo inicia com uma breve discussão sobre o papel das universidades na sociedade contemporânea, bem como sobre a produção do conhecimento científico na atualidade. O processo de internacionalização das universidades brasileiras é abordado para que, a seguir, os desafios e as

oportunidades para a internacionalização da pesquisa em turismo no Brasil sejam delineados. Posteriormente, descreve-se a metodologia da pesquisa, debatem-se os resultados obtidos e mencionam-se algumas considerações finais.

2. As universidades na sociedade contemporânea e a produção do conhecimento científico

As mudanças sociais das últimas décadas transformaram a universidade pós-moderna. Como argumenta Matos (2011: 4), a produtividade tornou-se mais importante do que a própria pesquisa. Em suas palavras:

“[...] a universidade pós-moderna converte pesquisa em produção, constringendo-se à pressa e à produtividade quantificada do conhecimento, adaptando-se à obsolescência permanente das revoluções técnicas. A temporalidade do mercado confisca o tempo da reflexão, selando o fim do papel filosófico e existencial da cultura. Ela é marcada pela não diferenciação entre pesquisa e produção.”

Ainda sobre a produção do conhecimento científico, vale a pena ressaltar que a disseminação deste conhecimento é fundamental para a pesquisa académica. Como afirma Dann (2011), a pesquisa por si só não causa impacto. Ela só ganha destaque quando é disseminada entre os membros da academia, para que o conhecimento seja democratizado e para que análises críticas sobre a investigação possam ser realizadas pelos pares dos seus autores. No entanto, diversos fatores influenciam tanto a forma como este conhecimento é produzido como o modo como ele é disseminado.

Os indicadores de produtividade estabelecidos pelos governos para definir em quais instituições serão aplicados os recursos destinados à educação acabam por servir de norteadores para o planejamento administrativo e, mais importante, pedagógico dos

provedores da educação em diversos países. No Brasil, por exemplo, o “Currículo Lattes”, banco de dados que concentra todas as informações acadêmicas acerca dos pesquisadores brasileiros, e o sistema de avaliação de publicações, “Qualis”, iniciativas da “Capes” (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), são, frequentemente, os únicos critérios adotados para a definição dos rumos da pesquisa nas instituições de ensino e pesquisa do país, especialmente nas instituições privadas e de pequeno porte. Os pesquisadores, muitas vezes, não são mais orientados pelas suas instituições no sentido de desenvolverem pesquisas com qualidade, que sejam importantes para a sociedade, mas sim a ter um grande número de publicações nos seus “Currículos Lattes”. Mais grave ainda, eles precisam definir, estrategicamente, para qual periódico devem submeter os seus textos, pois apenas aqueles que são bem avaliados pelo “Qualis” interessam às suas instituições. Assim, suas pesquisas devem adequar-se à política editorial dos periódicos bem avaliados, comprometendo, muitas vezes, a sua autonomia em relação à abordagem metodológica, ao tema investigado, ao estilo de redação, etc.

No contexto da pesquisa em turismo, Tribe (2006) apresenta a idéia de um campo de força do conhecimento (ver Figura 1), composto por cinco dimensões, que influencia a criação da verdade sobre o turismo. O autor argumenta que a verdade

ditada pelos pesquisadores acerca do turismo não representa toda a verdade do fenômeno turístico, pois questões relacionadas podem influenciar o processo de pesquisa. Merece destaque para o debate aqui proposto a dimensão que trata dos “fins” da pesquisa que é desenvolvida. Pergunta-se: a investigação foi realizada para responder questões inerentes à natureza de algum problema identificado pelo pesquisador ou apenas para contabilizar no total de textos acadêmicos publicados por ele?

Outro grande desafio que as universidades brasileiras vêm enfrentando é a necessidade de adaptação às mudanças de perfil dos alunos ingressantes. Como “[...] massas historicamente excluídas dos bens científicos e culturais [...] passaram a ter acesso à educação superior, [...] a universidade pós-moderna acolhe populações sem o repertório requerido anteriormente para a vida acadêmica” (Matos, 2011: 4). Desta forma, as instituições de ensino superior encontram-se numa situação onde precisam trabalhar conteúdos do ensino fundamental e do ensino médio na graduação, da graduação no mestrado e assim por diante. Embora o maior acesso à educação superior seja algo a ser celebrado, o governo precisa investir massivamente na educação básica para que aqueles que, historicamente, não ingressavam nas universidades possam fazê-lo de forma adequada, com toda a bagagem de conhecimentos necessária.

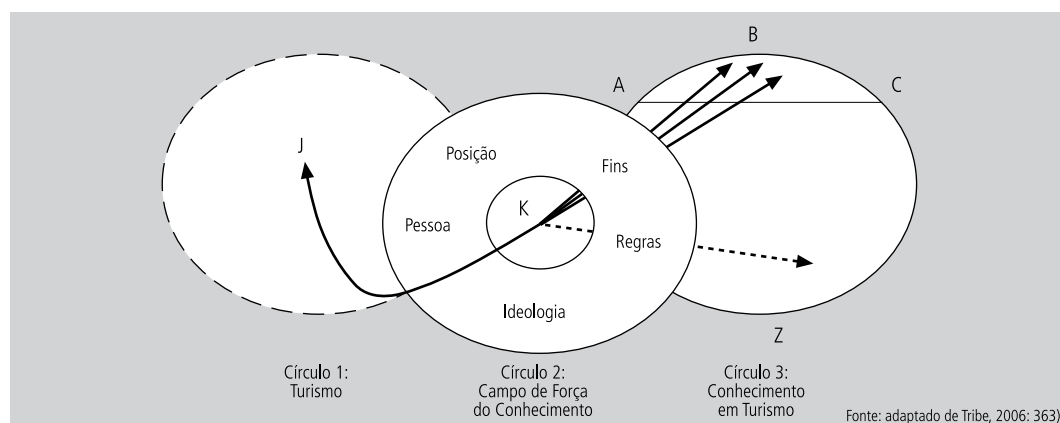


Figura 1 | Campo de Força do Conhecimento (Tribe, 2006: 363).

3. A internacionalização das universidades brasileiras

Foi nesta conjuntura de “crise existencial” que as universidades brasileiras iniciaram um processo, já consolidado em países com maior tradição na educação superior, de internacionalização. Os Estados Unidos da América e a Europa, por exemplo, procuram alunos da China, da Índia, do Brasil e de outros países emergentes para compor o seu corpo discente. Enquanto isso, estes países emergentes procuram ter uma participação mais ativa na academia internacional, não apenas como “fornecedores” de estudantes, mas como produtores de conhecimento científico. Neste contexto, o Brasil tem procurado um maior equilíbrio entre o número de alunos brasileiros que se deslocam para a realização de estudos no exterior e o número de estrangeiros que realizam os seus estudos neste país. Alunos de alguns países menos desenvolvidos, especialmente do continente africano, por exemplo, podem candidatar-se a bolsas de estudos integrais para fazer cursos de graduação ou de pós-graduação patrocinados pelo governo brasileiro (Meyer, 2011). Além disso, o Brasil figura já como um dos maiores produtores de conhecimento científico do mundo. O país ocupa a 13ª posição do ranking mundial de países produtores de conhecimento científico, com cerca de 2,5% de todo o conhecimento produzido no mundo (Minayo, 2011).

Um grande obstáculo para a internacionalização da pesquisa brasileira em diversos campos do conhecimento é a barreira do idioma. Como afirma Dann (2011), nas ciências sociais, um único grupo linguístico – formado pelos pesquisadores de língua inglesa – domina, quase que exclusivamente, a produção científica mundial. O autor continua dizendo que “[...] parece haver um círculo vicioso onde trabalhos em inglês são constantemente e indiscutivelmente reciclados para públicos de língua inglesa” (tradução própria) (Dann, 2011: 3). Desta forma, o conhecimento produzido noutros idiomas acaba sendo “invisível” para os membros da comunidade académica internacional dominante.

Há dois possíveis caminhos a seguir: 1) publicar em inglês; 2) fortalecer outros grupos linguísticos. Entretanto, é importante destacar que um caminho não exclui, necessariamente, o outro. É possível publicar em inglês ao mesmo tempo que se trabalha em prol de outro grupo linguístico. No Brasil, por exemplo, a área do turismo ganhou, em julho de 2011, a Academia Internacional para o Desenvolvimento da Pesquisa em Turismo no Brasil (ABRATUR), que estimula a participação, ativa e efetiva, de pesquisadores brasileiros na comunidade académica internacional. Um dos mais importantes critérios para filiação na ABRATUR é a publicação de artigos e/ou capítulos em periódicos e/ou livros internacionais, especialmente em inglês. Ainda assim, alguns dos pesquisadores que fazem parte desta Academia também unem esforços com seus pares em países onde o idioma português é falado para criar uma rede lusófona de investigadores de turismo.

4. Desafios e oportunidades para a internacionalização da pesquisa brasileira em turismo

Leal (2011b) verificou que poucos membros da academia internacional têm conhecimento do que é pesquisado no país sobre o turismo. Da mesma forma, poucos autores brasileiros são conhecidos dos pesquisadores estrangeiros. Portanto, o primeiro grande desafio para a internacionalização da pesquisa brasileira em turismo é torná-la acessível ao público internacional. Como o fortalecimento do grupo de pesquisadores de língua portuguesa só poderá trazer resultados para a internacionalização da pesquisa brasileira em turismo no médio ou longo prazo, a estratégia de publicação de textos em inglês caracteriza-se como a mais eficiente para atingir este objetivo no curto prazo. É importante destacar que ações concomitantes para o fortalecimento de redes de pesquisadores lusófonos e hispânicos devem ser

desenvolvidas para garantir não só a inserção dos pesquisadores brasileiros no grupo dominante, mas, também, para desafiar tal dominância, fortalecendo os grupos até então negligenciados pela comunidade internacional.

Outro desafio para a internacionalização da pesquisa brasileira em turismo é a falta de autonomia que vários pesquisadores enfrentam nas suas instituições. Como afirma Tribe (2006), a forma como o poder opera no processo de pesquisa em turismo é uma questão fundamental e crítica, que não pode ser negligenciada. Deve-se questionar de quem são os interesses que estão a ser servidos, dada a forma como está a ser desenvolvida a pesquisa. Para superar este desafio, os investigadores brasileiros do turismo deverão defender a sua autonomia enquanto pesquisadores dentro das suas instituições. Isso não significa ser contrário a tudo que os órgãos oficiais de apoio à pesquisa determinam. Significa colocar em prática a sua curiosidade acadêmica, o seu poder de análise crítica e, principalmente, a sua não subserviência a um sistema estabelecido sem que houvesse um debate aberto com aqueles que estão na base da pirâmide – os próprios pesquisadores. As pesquisas devem, em primeiro lugar, atender aos critérios definidos pelo pesquisador, com base nos problemas identificados sobre determinado tema. Apenas depois disso se deve pensar sobre os indicadores de produtividade que são avaliados pelos órgãos oficiais.

Mais um desafio que dificulta o ingresso de pesquisadores brasileiros do turismo na comunidade acadêmica internacional é a superficialidade teórico-metodológica que caracteriza muitas vezes os temas investigados. A falta de profundidade com que os temas são tratados e a simples replicação de estudos em diferentes contextos não permitem o avanço do conhecimento em turismo no país. Vale a pena ressaltar que isso não é uma situação que se restringe à pesquisa em turismo, uma vez que, segundo Matos (2011: 4):

“A universidade pós-moderna não busca a fundamentação do conhecimento. Nada aprofunda, produzindo uma cultura da incuriosidade, imune ao maravilha-

mento. Essa universidade tem uma pulsão antigenealógica, ou seja, cada geração acredita ser geradora do conhecimento, não reconhecendo nenhum tributo às gerações passadas.”

Há uma necessidade de estudos críticos em turismo. Em tais estudos, uma visão antipositivista é defendida, uma vez que, segundo Tribe (2006), há um reconhecimento do pesquisador e do pesquisado como atores do processo de investigação acadêmica. A redação de textos na primeira pessoa do singular, abominada entre pesquisadores positivistas, ganha espaço entre aqueles que buscam uma visão crítica do turismo. Mais importante ainda é a necessidade de quebrar paradigmas e buscar inovação conceitual e metodológica. Como disse Nechar (2011) durante o I Seminário Internacional de Estudos Críticos em Turismo, “assim como não há regras para como se deve amar, não há regras para como se produzir o conhecimento em turismo”. Embora haja um movimento na Europa, há, pelo menos, cerca de cinco anos, a favor dos estudos críticos em turismo (Ateljevic *et al.*, 2007), apenas recentemente alguns pesquisadores brasileiros começaram a abordar o tema (ver edição temática da Revista Turismo em Análise, Vol. 22(3), 2011).

Vários desafios foram abordados e possíveis soluções apresentadas. E quanto às oportunidades? Em primeiro lugar, vale a pena lembrar que se houve poucas iniciativas em determinada área (neste caso a internacionalização da pesquisa brasileira em turismo) há muitas lacunas para preencher! O simples fato da pesquisa acontecer no contexto de um dos mais importantes países emergentes do mundo, o Brasil, já causa certo frenesi entre estrangeiros. Assim, o foco nos países emergentes já é, por si só, uma oportunidade para divulgação do conhecimento produzido no país sobre o turismo.

Merece destaque, ainda, o fato de que o Brasil pode servir de porta de entrada para pesquisadores interessados na América Latina, tendo em conta a sua dimensão geográfica e importância econômica para o continente. Meyer (2011: 10) afirma que

“[...] universidades internacionais, acadêmicos e estudantes que queiram estabelecer ou desenvolver relações acadêmicas com a América Latina devem focar sua atenção no Brasil” (tradução própria). Assim, os pesquisadores brasileiros do turismo encontram-se em posição de vantagem perante seus vizinhos latino americanos.

5. Metodologia

Este artigo complementa um estudo realizado por Leal (2011b), que apresentou os resultados preliminares de uma investigação sobre as percepções de membros da comunidade acadêmica internacional acerca da pesquisa em turismo e os seus pesquisadores no Brasil. Ao utilizar exclusivamente o idioma inglês para a coleta de dados, Leal restringiu a sua amostra aos pesquisadores que fazem parte do grupo linguístico dominante. Na tentativa de contornar esta situação desenvolveu-se, para este estudo, versões em português e em espanhol a partir do questionário original de Leal. Assim, três versões do instrumento de coleta de dados foram utilizadas.

O questionário possuía uma mescla de perguntas abertas e perguntas fechadas. As perguntas abertas geraram apenas palavras, que puderam ser categorizadas para posterior análise quantitativa (contagem de frequência). Assim, todos os dados foram analisados através de procedimentos estatísticos descritivos. Para tal, o programa Excel foi utilizado.

A população investigada era composta por pesquisadores internacionais do turismo. A amostra inicial de 58 pesquisadores, utilizada por Leal (2011b), foi complementada por outros 17 pesquisadores que responderam ao questionário original (em inglês), 19 que responderam à versão em espanhol e três que responderam à versão em português, totalizando 97 participantes.

Vale a pena ressaltar que, sempre que possível, as mesmas estratégias adotadas por Leal (2011b) foram aplicadas neste estudo. Os questionários

foram disponibilizados através do serviço *Google Docs* e os pesquisadores contatados através da internet. O questionário original, em inglês, continuou disponível desde o início da pesquisa, em maio de 2011, e a última entrada utilizada na análise dos dados diz respeito a novembro de 2011. A sua divulgação decorreu através das listas de discussão *TRINET* e *JISCMail*. Já os questionários em português e em espanhol foram encaminhados, em outubro de 2011, a pesquisadores, de países onde estes idiomas são utilizados, detentores de uma extensa lista de contatos, de forma a que os divulgassem entre os seus pares. Esta técnica de amostragem, conhecida como “snowball” (Handcock e Gile, 2011), foi utilizada porque não era do conhecimento do pesquisador a existência de listas similares às utilizadas por Leal para a coleta de dados em inglês. Vale a pena destacar, ainda, que as três versões do questionário foram enviadas à lista de discussão da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR) para que pudessem ser respondidos pelos pesquisadores estrangeiros que participam de tal lista.

6. Análise e discussão dos resultados

Quanto ao país de origem dos pesquisadores investigados, registou-se uma forte presença daqueles do grupo linguístico dominante (16 dos Estados Unidos da América – EUA, 11 do Reino Unido, 9 da Austrália, 6 do Canadá¹, 2 da Nova Zelândia, 1 de Antígua e Barbuda e 1 da Irlanda). Entre os pesquisadores de língua espanhola, destaca-se o número de espanhóis (n=9) e mexicanos (n=6). Completando este grupo estão os pesquisadores da Argentina (n=4), de Cuba (n=2), do Chile (n=1), do Equador (n=1) e do Uruguai (n=1). Entre os pesquisadores

¹ Embora o Canadá tenha dois idiomas oficiais, não foi desenvolvida uma versão francesa do questionário. Assim, subentende-se que os participantes canadenses, que responderam ao questionário original, sejam da região onde o inglês é o idioma oficial.

de língua portuguesa, o destaque vai para os provenientes de Portugal, com seis participantes. Houve, ainda, um participante de Cabo Verde. Outro grupo linguístico que teve destaque na amostra foi o de falantes da língua alemã, com quatro participantes da Alemanha e um da Áustria. Os demais pesquisadores são provenientes de países variados.

Além do seu país de origem foi perguntado aos participantes em que país estão a exercer, atualmente, a sua atividade profissional. Há um destaque para os países da Oceania, com doze pesquisadores trabalhando na Austrália e quatro na Nova Zelândia, bem como para o Reino Unido (n=16). Observa-se que o número de pesquisadores trabalhando nos EUA (n=13) é menor do que o de pesquisadores de nacionalidade americana (n=16). Nos outros grupos linguísticos, verifica-se um maior equilíbrio entre as nacionalidades e os países onde os pesquisadores trabalham.

Foi perguntado em que estágio das suas carreiras os participantes se encontram. A grande maioria respondeu estar no mais alto nível, o de professor titular (n=46). Vinte e quatro pesquisadores disseram estar no nível médio – equivalente ao título brasileiro de professor adjunto – e os 27 restantes no nível júnior – estudantes de pós-graduação, professores iniciantes, etc. Chama-se a atenção para o fato de os pesquisadores com mais experiência e titulação terem tido uma maior participação na pesquisa. Acredita-se que a sua maior maturidade acadêmica desperte o seu interesse por questões relacionadas

com a internacionalização da pesquisa em turismo e com o Brasil, país que vem ganhando bastante destaque na mídia internacional.

Foi perguntado aos participantes quais eram as suas principais áreas de especialização. O Quadro 1 mostra que os pesquisadores investigam, prioritariamente, sobre segmentos específicos do turismo, gestão do turismo, marketing turístico, educação em turismo e planejamento turístico.

Quando foi solicitado que descrevessem a pesquisa em turismo no Brasil, alguns participantes expuseram as suas percepções sobre o país enquanto destino turístico e não sobre a pesquisa lá desenvolvida. Palavras como “carnaval”, “Amazônia”, “ecoturismo”, “sol”, “praias”, entre outras, foram utilizadas. Outros disseram não ter conhecimento algum sobre a pesquisa em turismo desenvolvida no Brasil.

A barreira do idioma faz com que a pesquisa brasileira em turismo seja desconhecida dos membros da academia internacional do grupo linguístico dominante, pois relativamente poucos pesquisadores brasileiros publicaram os resultados das suas investigações nos principais periódicos internacionais. Assim, a pesquisa brasileira em turismo é, muitas vezes, tida como “desconhecida” e “inacessível” para este grupo. Já para os pesquisadores de países vizinhos, latino americanos, a pesquisa brasileira em turismo é vista como “muito divulgada em periódicos” e “a maior da América Latina”.

Entre os participantes que expressaram as suas opiniões sobre a pesquisa em turismo no país, verifica-

Quadro 1 | Principais áreas de especialização dos pesquisadores investigados

Área	Frequência
Segmento específico do turismo (ex.: ecoturismo, turismo de aventura, enoturismo, turismo de eventos, etc.)	37
Gestão do turismo	31
Marketing turístico	26
Educação em turismo	23
Planejamento turístico	23
Teorias do turismo	19
Antropologia do turismo	13
Sociologia do turismo	12
Filosofia do turismo	11
Transporte e turismo	3
Outros (economia, tecnologia, hospitalidade, etc.)	28

Fonte: elaboração própria.

se a existência de dois grupos, aqueles que percebem a pesquisa em turismo no Brasil como sendo de boa qualidade, bem desenvolvida e importante, e aqueles que a percebem como incipiente, pobre e não desenvolvida. É importante destacar que os grupos linguísticos a que pertencem influenciam nestas percepções. Os pesquisadores que responderam a versão do questionário em espanhol apresentaram, majoritariamente, percepções positivas enquanto os que responderam ao questionário original, em inglês, e à versão em português apresentaram, em sua maioria, percepções negativas. O Quadro 2 apresenta, no idioma original dos participantes, e em português, um resumo de palavras e/ou frases utilizadas pelos dois grupos.

Perguntou-se aos participantes se eles tinham conhecimento de alguma produção científica brasileira sobre turismo publicada nos principais veículos internacionais de disseminação do conhecimento científico, tais como periódicos internacionais, anais de eventos acadêmicos internacionais e/ou capítulos de livros estrangeiros. Verificou-se que a maioria (n=51) não tem

conhecimento de produção científica sobre turismo publicada por brasileiros nos principais veículos internacionais (ver Figura 2). Este dado é bastante relevante pois, sem conhecimento do que é produzido no país, dificilmente haverá interesse por parte dos pesquisadores estrangeiros em realizar parcerias com os seus pares brasileiros. Sem parceria entre pesquisadores, a parceria institucional fica mais difícil de acontecer. Consequentemente, a internacionalização da pesquisa em turismo no Brasil enfrentará mais obstáculos. Portanto, torná-la conhecida é o primeiro passo a ser tomado pelos pesquisadores brasileiros.

Solicitou-se aos pesquisadores que dessem uma nota de zero a 10 para a qualidade da pesquisa em turismo no Brasil. O zero representava a mais baixa qualidade e 10 a mais alta qualidade. Dos 97 participantes, apenas 60 responderam a esta questão. A média das suas notas foi de 6,05 ($\sigma=2,24$). Tal média demonstra que há uma percepção relativamente negativa quanto à qualidade da pesquisa em turismo produzida no Brasil. É preciso investigar se tal percepção reflete a verdade ou não. Caso seja

Quadro 2 | Palavras e/ou frases utilizadas para descrever a pesquisa em turismo no Brasil

	Exemplos de palavras e/ou frases utilizadas (idioma original)	Exemplos de palavras e/ou frases utilizadas (tradução para português)
Percepções positivas	"la mas amplia de Latinoamérica" "seriedad y calidad de la investigación" "en desarrollo" "mucha" "mucha divulgación en revistas" "buena, centrada en sostenibilidad" "profesional" "interesante" "responsable" "developing" "emerging" "innovative"	"a maior da América Latina" "seriedade e qualidade da pesquisa" "em desenvolvimento" "muita" "muita divulgação em periódicos" "boa, com foco na sustentabilidade" "profissional" "interessante" "responsável" "em desenvolvimento" "emergente" "inovadora"
Percepções negativas	"pobre" "trapalhão" "fraca qualidade" "very limited" "limited" "inaccessible" "basic" "unmethodological" "unexciting" "unknown" "inicial"	- - - "bastante limitada" "limitada" "inacessível" "básica" "não metodológica" "desinteressante" "desconhecida" "inicial"

Fonte: elaboração própria.

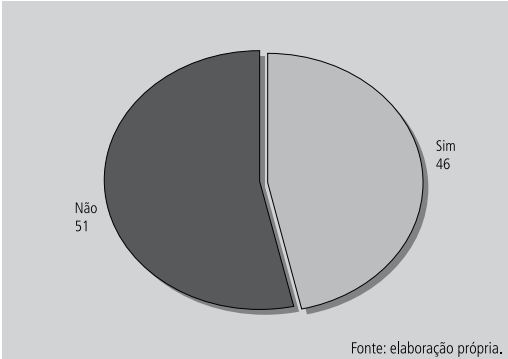


Figura 2 | Conhecimento de pesquisa desenvolvida por brasileiros publicada nos principais veículos acadêmicos de divulgação internacional.

afirmativo, esforços para melhorar a qualidade da pesquisa brasileira em turismo são necessários. Caso contrário, ações destinadas a modificar a percepção errônea são essenciais.

Os participantes também foram questionados sobre os principais temas que eles acreditam ser investigados por pesquisadores brasileiros. Apenas 77 deles responderam a tal questão. Ainda assim, 18 participantes disseram acreditar que “nenhum” tema era investigado por pesquisadores brasileiros do turismo. O Quadro 3 apresenta a percepção dos participantes em relação aos principais temas abordados por pesquisadores brasileiros do turismo. Observa-se que, na percepção da comunidade acadêmica internacional, a pesquisa brasileira em

turismo tem um foco em “segmentos específicos do turismo” e “planejamento turístico”.

Quando se perguntou se tinham conhecimento de pesquisadores brasileiros da área, 45 participantes afirmaram não saber o nome de nenhum pesquisador do Brasil. Os 52 restantes citaram 41 nomes. Destes, 25 foram citados apenas uma vez. A frequência com que os demais foram mencionados encontra-se no Quadro 4. Observa-se que os professores mais citados, José Manuel Gândara e Alexandre Panosso Netto, possuem um grande número de publicações em espanhol e fortes laços acadêmicos na Espanha e no México, respectivamente. O Prof. Luiz Trigo possui uma extensa vida acadêmica, sendo um dos pioneiros no país a procurar a internacionalização da sua carreira através da apresentação de trabalhos em eventos no exterior bem como na publicação de textos em espanhol e em inglês. Já o Prof. Gui Lohmann fez a sua carreira no exterior, inicialmente com os seus estudos de doutorado na Nova Zelândia e, posteriormente, como professor na própria Nova Zelândia, nos Estados Unidos e, atualmente, na Austrália. Assim, vem publicando constantemente em inglês bem como relacionando-se com pesquisadores do mundo inteiro. Situação similar é a do Prof. Sérgio Leal, que realizou os seus estudos de mestrado na Austrália e de doutorado no Reino Unido. Embora esteja a trabalhar no Brasil atualmente, continua desenvolvendo ações com instituições e pesquisadores do exterior, bem como publicando textos em inglês.

Quadro 3 | Principais temas abordados por pesquisadores brasileiros na percepção dos participantes

Tema	Frequência
Segmento específico do turismo (ex.: ecoturismo, turismo de aventura, enoturismo, turismo de eventos, etc.)	29
Planejamento turístico	24
Marketing turístico	13
Gestão do turismo	12
Educação em turismo	11
Filosofia do turismo	11
Antropologia do turismo	10
Teorias do turismo	10
Sociologia do turismo	7
Transporte e turismo	7
Outros (turismo rural, desenvolvimento local, hospitalidade, etc.)	5

Fonte: elaboração própria.

Quadro 4 | Principais pesquisadores brasileiros do turismo na percepção dos participantes

Nome do pesquisador	Frequência
José Manuel Gândara	15
Alexandre Panosso Netto	13
Luiz Trigo	9
Gui Lohmann	8
Sérgio Leal	6
Mirian Rejowski	4
Roberta Sogayar	4
Ângela Flecha	3
Mario Beni	3
Cristina Rodrigues	2
Helena Costa	2
Marcelino de Souza	2
Marcus Alban	2
Margarita Barretto	2
Mariana Aldrigui	2
Piva*	2
Outros	25
Nenhum	45

* Como foi citado apenas o sobrenome, não foi possível identificar quem é o pesquisador mencionado.
Fonte: elaboração própria.

Por fim, perguntou-se aos participantes se eles conheciam, pessoalmente, algum pesquisador brasileiro de turismo, se o tinham conhecido em ambiente acadêmico e se haviam mantido contato com estes pesquisadores. Verificou-se que 60 participantes conhecem algum pesquisador brasileiro de turismo. A grande maioria afirma tê-los conhecido em eventos científicos e apenas uma minoria disse ter mantido contato. Nestes casos, o uso de mensagens eletrônicas foi a forma mais comum. Vale a pena ressaltar que diversos participantes afirmaram ter interesse em conhecer e relacionar-se com pesquisadores brasileiros por motivos acadêmicos, pois o Brasil, na atualidade, aguça a curiosidade de muitas pessoas nos países tidos como desenvolvidos. Este é um fato relevante pois configura-se em possíveis oportunidades para internacionalização.

7. Considerações finais

A pesquisa em turismo no Brasil, inserida no atual contexto das universidades, passa por um

momento de crescimento e consolidação. O processo de internacionalização é parte desta fase atual. Este artigo teve como objetivo investigar as percepções de membros da comunidade acadêmica internacional sobre o atual estágio da pesquisa brasileira em turismo. Verificou-se que ainda há um desconhecimento do que é produzido no país por parte dos pesquisadores de língua inglesa – grupo linguístico dominante. Ainda assim, a percepção deste grupo é negativa em relação à pesquisa em turismo desenvolvida no Brasil. Os membros da comunidade acadêmica internacional de língua portuguesa também compartilham esta percepção negativa. No entanto, os acadêmicos que responderam à versão em espanhol do questionário percebem a pesquisa desenvolvida no Brasil sobre turismo como sendo de boa qualidade e já consolidada através de publicações internacionais.

A pesquisa mostrou que, para conseguir ganhar espaço na comunidade acadêmica internacional de turismo, os acadêmicos brasileiros precisam fortalecer as suas bases teórico-metodológicas, realizar pesquisas inovadoras e, principalmente, fazer-se ouvir dentro do grupo linguístico dominante. Assim, terá de se apostar na realização de pesquisas com maior qualidade e na escrita de artigos em inglês para disseminação da produção brasileira. No médio e longo prazos, os grupos de pesquisadores de língua portuguesa e espanhola deverão fortalecer-se de forma a desafiar o grupo dominante de pesquisadores de língua inglesa.

Este artigo não tem o objetivo de esgotar o tema e sim o de despertar o interesse de acadêmicos brasileiros sobre a internacionalização, estimulando uma maior participação destes na comunidade acadêmica internacional.

Referências bibliográficas

Ateljevic, I., Pritchard, A., Morgan, N. (eds.), 2007, *Critical turn in tourism studies - Innovative research methodologies*, Elsevier, Oxford.
Dann, G., 2011, Anglophone hegemony in tourism studies today, *Enlightening Tourism. A Pathmaking Journal*, Vol. 1(1), pp. 1-30.

- Handcock, M., Gile, K., 2011, Comment: on the concept of snowball sampling, *Sociological Methodology*, Vol. 41(1), pp. 367-371.
- Leal, S., 2011a, Pesquisa em turismo no Brasil: uma revolução silenciosa?, *Turismo e Sociedade*, Vol. 4(1), pp. 144-147.
- Leal, S., 2011b, Estudo preliminar sobre as percepções da comunidade acadêmica internacional acerca da pesquisa e dos pesquisadores em turismo do Brasil, Comunicação no VIII Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), 2-4 Outubro, Balneário Camboriú/SC, Brasil.
- Matos, O., 2011, Contrastes do período pós-moderno no país, *Jornal UNESP*, edição especial – PDI, p. 4.
- Meyer, R., 2011, The internationalisation of higher education in Brazil, *AngloHigher*, Vol. 3(2), pp. 9-10.
- Minayo, M., 2011, Editorial: O desafio da divulgação científica no Brasil, *Saúde e Transformação Social*, Vol. 1(2), pp. i-iii.
- Nechar, M., 2011, Epistemologia crítica do turismo: o que é isso?, Comunicação no I Seminário Internacional de Estudos Críticos em Turismo, 24-25 Março, Natal, Brasil.
- Netto, A., Trigo, L., 2010, Indicadores de cientificidade do turismo no Brasil, *Revista Turismo e Desenvolvimento*, Vol. 1(13/14), pp. 387-397.
- Tribe, J., 2006, The truth about tourism, *Annals of Tourism Research*, Vol. 33(2), pp. 360-381.